

CASA- CIDADE: AS MORADIAS COLETIVAS E SUAS RELAÇÕES COM A POLIS.

CAROLINA MAGALHÃES FALCÃO¹; EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU – FAURB – UFPEL – carolcmfalcao@gmail.com

²PROGRAU – FAURB – UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ tem como objetivo analisar as relações interpessoais, suas formas de morar e como se relacionam com a cidade; lançando um olhar investigativo e crítico sobre a cidade contemporânea e suas experiências através das possibilidades geradas por sua configuração espacial e através de conceitos como hospitalidade (FUÃO, 2013), território (DELEUZE; GUATTARRI, 1995). Além disso, buscando delimitar essas linhas imaginárias ou reais, propondo assim hipóteses que influenciam a cidade, de acordo com as formas de morar de cada indivíduo. Permitindo assim fazer uma leitura do espaço urbano contemporâneo a partir das vivências cotidianas de cada pessoa com a cidade. Como essas pessoas se afetam com a cidade em que vivem e como esta cidade – esta polis também afeta àqueles que nela se deslocam e vivenciam suas experiências? Percebe-se que uma comunidade que não conhece a si mesma e ao seu espaço, dificilmente poderá comunicar sua importância no contexto mais amplo da cidade, da sociedade.

É necessário que, mais facilmente e com maior segurança, saiba se reconhecer e proteger marcos importantes na paisagem. O processo de interpretação sócio-espacial baseado nas comunidades atende desta maneira a uma necessidade cada dia mais comum do planejamento municipal de estimular nos cidadãos um sentimento de lugar, de transmitir seus valores, sua ecologia e sua história às gerações futuras.

Da mesma forma, as recentes idéias sobre o planejamento urbano vêm demonstrando que sem a participação social a implementação de um determinado plano em áreas urbanas se torna inviável e, de certa forma, “inaceitável ao tomar os moradores como objeto e não como sujeitos” (MARICATO, 2000: 180).

Então, na situação atual em nossa cidade, em nosso país, existe relação entre as moradias coletivas e a cidade? Quais os possíveis pontos de ligação entre a forma de morar contemporânea e a polis?

Em arquitetura da felicidade (BOTTON, 2008) vemos que o “objetivo de uma casa não é ser uma caixa para lhe conter, mas o que importa é a vida que você leva a partir da casa.”

Marc Augé (AUGÉ, 2012) diz que a experiência social é uma via de mão dupla, ou seja concreta e completa no tempo e no espaço, mas também é a experiência de cada pessoa, cada indivíduo que se identifica com a sociedade da qual ele faz parte.

1 O presente trabalho faz parte da dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU/ FAURB - UFPEL, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, intitulado: Casa- Cidade: as moradias coletivas e suas relações com a Polis.

Este somatório de individualidades, vão formar a sociedade, diferir nas formas de morar e influenciar à arquitetura, fazendo com que esta última deva ser pensada e criada para cada um, de acordo com suas necessidades, características e cultura.

O sentido da hospitalidade (FUÃO, 2013) é o que funda as cidades, relaciona-se ao acolhimento, a relação entre hóspede e hospedeiro. O sentir-se acolhido vem da primeira morada. Fuão refere-se ao conceito de hospitalidade de Derrida (2003) no livro *Da Hospitalidade*: “*é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender a questão do lugar como sendo fundamental fundadora e impensada da história da cultura.*”

“A arquitetura se dispõe a propiciar a hospitalidade, onde o conforto seria a medida da hospitalidade, porém o conforto de morar está muito mais no cérebro do que nas costas”. (SOLIS, 2005: 122)

A palavra 'casa' pode sugerir, inicialmente, uma construção cujos espaços servem para atender à necessidade de abrigo que se pressupõe ser de todos os indivíduos. Essa realidade física está longe de esgotar a amplitude do conceito naquilo de abstrato, de subjetivo, e até mesmo de concreto que ele envolve. Além de abrigo físico, no que consiste a ideia de casa?

A porta é o elemento de comunicação, participação direta entre o público e o privado, enquanto pela janela somente observa a vida pública. A janela são os olhos da rua (JACOBS, 2011) nos torna observadores, mas não atores.

Atualmente a facilidade imobiliária e a forma de projetar, onde as casas são criadas e replicadas em larga escala, uma, duas, dez, cem vezes. Em qualquer cidade, em qualquer país, não faz da arquitetura uma arquitetura globalizada, faz sim, uma arquitetura sem identidade, que impacta diversos aspectos na vida das cidades.

“A vida real é auto-produzida de um espaço que começou planejado” diz a Carta de Atenas (1933). E este planejamento também ocorre com aqueles que vão tomar conta desta habitação, com os moradores de cada unidade, de cada célula habitacional.

As formas de morar variam de acordo com as realidades e necessidades de cada pessoa, de cada família. Não pode-se mais pensar em arquitetar, desenhar, copiar e colar e assim determinar que as pessoas morem todas iguais. Não se vive de forma “Fordista”, isso que este estudo visa demonstrar: através de uma reflexão qualitativa baseado em diversas argumentações teóricas, na prática cotidiana e na individualização das referências.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se baseia na metodologia cartográfica, com características etnográficas, ou seja, através do acompanhamento de processos – cotidianos e modos de viver e morar e, não apenas na compilação de dados (números de casas, quantidades de moradores), para assim entender seus processos, anseios e devires.

Um estudo de caso está sendo desenvolvido, em um condomínio fechado na cidade de Pelotas – RS, dentro dos muros do Condomínio Terra Nova, onde – arquitetonicamente – temos uma homogeneidade, queremos a partir dos limites dessas unidades, desenvolver e avaliar as células de morar, de acordo com os aspectos de ocupação de cada unidade: seus habitantes, suas formas de morar e trabalhar, suas formas de apropriação do espaço.

Os procedimentos metodológicos adotados serão pesquisa de campo, levantamento fotográfico, conversa-observação in loco, mapas mentais e revisão bibliográfica.

Serão produzidos pelos moradores, mapas mentais, capazes de fornecer informações sobre as formas de morar pela visão dos usuários: suas casas e seus principais trajetos, ou seja, analisar a rotina dessas pessoas, suas distâncias percorridas para chegar ao trabalho, escola, etc. Para que através desses mapas seja possível avaliar se existe aí a tal “felicidade arquitetônica” ou a “Felizidade²”. Ainda nesses mapas ou plantas baixas serão solicitados que os moradores indiquem as modificações que fizeram no imóvel original, para que seja possível fazer um comparativo com as plantas originais do empreendimento, a forma como estavam distribuídos os mobiliários e a forma como estes foram adaptados à realidade de cada família.

Para tanto serão elencados em uma tabela, para fins de análise, três formas de “apropriação” (OREGGIONE, 2010) das células de morar, que, vamos adotar neste estudo. Fazendo a sobreposição destes aspectos será possível entender as formas de morar e suas relações com a cidade, com a polis, a partir de suas histórias de vida e características que vão formar cada uma das células de morar. Veremos que cada célula tem um forma de organização espacial e, que as pessoas – a família, é um dos determinantes que influencia esta organização, não é o principal, mas tem seu potencial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chegar à uma forma de projetar, de pensar arquitetura de uma maneira mais abstrata, sem perder tudo o que é concreto no ato de morar. Seja uma casa com apenas quartos, pois ali vivem somente pessoas que necessitam apenas desta casa para dormir, ou uma casa italiana, com uma cozinha e uma sala conjuntas, pois tudo se resolve à volta do fogão, isso precisa estar no DNA dos arquitetos. Uma casa não é um somatório de linhas, com lugares estabelecidos, que depois viram tijolos e areia e pronto está feito. Uma casa é feita de vida.

Jacobs (JACOBS, 2011) volta a sua crítica aos pensadores, arquitetos e planejadores do desenho urbano, aqueles que seguem suas crenças e não desprezam conscientemente a importância de conhecer o funcionamento das coisas. A peça chave está em conhecer o funcionamento das coisas, conhecer o que se quer, não construir e sim contribuir seria o termo correto.

A cidade ensina as pessoas como devem viver, mas cada pessoa tem o dever de ser protagonista desta cidade, de ser parte das lições aprendidas neste imenso laboratório de erros e acertos. Que só existe pois a cidade não pára de se transformar, não pára de se refazer e desfazer.

As mudanças ocorrem infinitamente, muitas vezes sem regras pré estabelecidas. A forma de morar e de viver, vai sendo refeita a cada dia; a casa até o século XVIII, era um espaço indiferenciado. Existiam peças: nelas se dormia, se comia, se recebia, pouco importava. Depois, pouco a pouco o espaço foi se especificando e tornam-se funcional.

“O espaço será conceituado sistema de barreiras e permeabilidades que interfere em nossos movimentos sobre o chão. A ‘sociedade’ será

² Citando Fernando Fuão, em Hospitalidade na arquitetura, utiliza este jogo de palavras para se referir a esta felicidade gerada pela moradia, que vai acabar tendo reflexo na cidade.

sistema de encontros interpessoais. Importa quem se encontra com quem, para fazer o que, quando e onde. A relação espaço x sociedade será entre dois sistemas, sem propormos que o espaço e sociedade sejam exclusivamente isto.” (HOLANDA, 2003: 14)

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, deve sim ser um espaço capaz de ser mensurado, refletido e útil. Capaz de ser um espaço vívido. Deve a imaginação estar descrita no modo de morar que cada um possui, diferente, autêntico e único, assim como a identidade.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo encontra-se em fase inicial, assim sendo, o que se deseja é levar moradores a (re)descobrir novas formas de olhar e apreciar seu lugar de maneira a estimular entre os mesmos atitudes que contribuam para o seu desenvolvimento de forma sustentável é tarefa fundamental de todos aqueles que pretendem tecnicamente intervir na cidade, pois, somente assim, tem-se a real oportunidade de ações e responsabilidades compartilhadas, valores que devem ser cada vez mais assumidos pelos profissionais contemporâneos, frente às novas perspectivas colocadas pelo contexto atual.

Cada célula de morar é capaz de gerar e gestar seus cenários e itinerários particulares. E esta diversidade de individualidades é o que forma a sociedade. O social começa com o indivíduo. (AUGÉ, 2012: 25)”

Resultados que este trabalho deverá produzir é um pensamento arquitetônico-urbanístico que se volte para as pessoas, ou seja, onde o sentido de produzir arquitetura não esteja no espaço – cidade, pólis, ou na própria arquitetura, mas sim nas pessoas, nas suas ligações afetivas, e suas relações com o que as cerca.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Campinas: Papirus, 2012.
- BOTTON, Alain. **Arquitetura da felicidade** – Vida Simples. Editora Abril, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini. 1990
- FUÃO, Fernando Freitas. **A hospitalidade na arquitetura**. In: ROCHA, Eduardo; BARROS, Carolina Mendonça; KUHLHOFF, Ivan (orgs.). **[Entre] Cruzamentos: ensaios sobre a cidade na contemporaneidade**. Pelotas: Ed. Universitária Ufpel, 2013.
- HOLANDA, Frederico (org.). **Arquitetura e urbanidade**. São Paulo: Pro Editores, 2003.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- OREGGIONI, Luis: **Vivendo vivienda**. Montevideo: Mastergraf, 2010.
- SOLIS, Dirce Eleonora. **Desconstrução e arquitetura, uma abordagem a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Uapê, 2009.